

A SEQUENCIA EXPLICATIVA E AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO

Marineide Furtado Campos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mafurca2014@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de discutir a sequência explicativa (ADAM, 2008) de uma aula de Língua Portuguesa para alunos da Educação à distância e as transformações ocorridas para a gestão do conhecimento nas salas virtuais, podendo ocorrer em segmentos simples e admitir transformação. Esse trabalho se justifica pela importância de ressaltar que esse fato rompe com a ideia de uma escola centrada na interação face a face para a valorização das interações mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), o que é defendido por Rezende e Abreu (2006) como a possibilidade de acesso e uso das informações para a melhoria da aprendizagem, o que agrega valor as atividades educacionais, contribuindo para potencializar a geração de conhecimento entre as pessoas envolvidas. Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo e se caracteriza por estudar os fatos sem interferir na natureza ou características da realidade pesquisada, sendo uma metodologia própria das ciências humanas. Tem na linguagem o seu papel principal sob o olhar da Linguística Textual como área que se empresta a outras áreas, inclusive, à Educação, o que passa pelo planejamento, que se torna um meio pelo qual o docente se avalia e faz uma reflexão sobre a sua postura na sala virtual, buscando meios alternativos para atingir resultados eficazes no processo de construção do conhecimento através da linguagem online. Conclui-se, portanto, que na relação professor /aluno à distância é possível ocorrer respeito mútuo e prevalecer a interatividade, visto que todos estão em sala de aula virtual usufruindo do mesmo direito de que são merecedores na ação de aprender a aprender.

Palavras-chaves: Educação a distância; Discurso explicativo – Sociedade em rede.

INTRODUÇÃO: Trazemos à discussão a temática da sequência explicativa¹ de uma aula de Língua Portuguesa para alunos da Educação à distância (EaD) e as transformações ocorridas para a gestão do conhecimento nas salas virtuais, podendo ocorrer em segmentos simples e admitir transformação, uma vez que sabemos das dificuldades enfrentadas pelos tutores da EaD, quando assumem essa função, professores polivalentes² sem uma formação apropriada ao desenvolvimento das atividades pedagógicas dessa modalidade de ensino. Tem como metodologia uma pesquisa de cunho qualitativo, que considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos envolvidos. É explicativa, exigindo síntese e reflexão para identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos estudados.

E ainda, considera o “porque” dos fatos por uma constante observação, (GIL, 2008) mesmo que isso aconteça online. Esse tipo de pesquisa exige capacidade de síntese, teorização e reflexão sobre o objeto estudados, conforme Lakatos (2010). Visa identificar os fatos que contribuem para a

¹ Adam (2008).

² Aqueles que assumem várias disciplinas ao mesmo tempo.

ocorrência das ações que afetam o processo de ensino e aprendizagem da EaD na dinâmica das sequências em estudo.

Preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, que para Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, uma vez que há uma interação e esta, por sua vez, se desenvolve no espaço escolar.

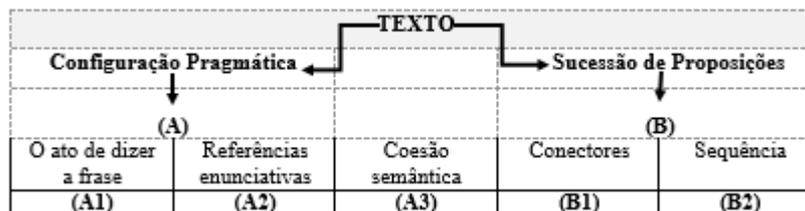
A pesquisa, numa perspectiva qualitativa, adota aportes metodológicos da análise textual, em que os resultados poderão apontar para a necessidade de uma maior reflexão sobre a didatização no campo da hipermídia, tendo-se em vista o aprimoramento pedagógico do ensino a distância, com maior observação na interação tutor-cursista.

Dessa maneira, tomamos como referencial teórico ao estudo pesquisas desenvolvidas por Adam (2008), Behar (2009), Passeggi (2008), Vieira (2007), dentre outros, o que se configura como um espaço para a reflexão das interações que rompem com a ideia de uma escola centrada na interação face a face para a valorização das interações mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que é defendido por Rezende e Abreu (2006) como a possibilidade de acesso e uso das informações para a melhoria da aprendizagem, justificando assim a nossa pesquisa, a qual agrega valor às atividades educacionais, de forma a contribuir para potencializar a gestão e geração do conhecimento entre as pessoas envolvidas nessa modalidade de ensino.

A pesquisa tem na linguagem o seu papel principal sob o olhar da Linguística Textual como área que se empresta a outras áreas, inclusive, à Educação, o que passa pelo planejamento, que se torna um meio pelo qual o docente se avalia e faz uma reflexão sobre a sua postura na sala virtual, buscando meios alternativos para atingir resultados eficazes no processo de construção do conhecimento através da linguagem online.

Por isso, ao fazer da proposição-enunciado uma unidade textual elementar e ao abordar as grandes operações que organizam as ligações dessas unidades, Adam (2008) se propõe a examinar a descrição dos sequenciamentos lineares. Procura distinguir unidades textuais frouxamente tipificadas, que ele denomina de períodos (unidades que entram diretamente na composição das partes de um plano de texto) (Figura 1),

Figura 1 – Plano de organização textual



Fonte: Adam (1992, p. 21) com releitura da pesquisadora, (2017).

e unidades mais complexas como as sequências (compostas por um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macro proposições – uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras macro proposições, ocupando posições precisas dentro da sequência). Logo, para Adam (2008), uma sequência é uma estrutura, uma rede relacional hierárquica, uma entidade relativamente autônoma, com configuração pragmática e sucessões conectadas textualmente.

Adam (2008) trata de diferentes combinações denominadas narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva, consideradas como formas elementares de textualização, que são memorizadas por impregnação cultural através da leitura, escuta e produção de textos, transformadas em esquema de reconhecimento e de estruturação da informação textual.

Segundo o mesmo autor, as quatro formas de ação verbal: narrar, descrever, argumentar e explicar são bastante correntes e logo dominadas pelas crianças, e estão longe de ocupar um lugar importante na teoria dos atos do discurso, porém, podemos considerar como um tipo de macro ato de discurso, articulando micro atos, que parecem adotar formas regulares de composição, sobretudo na escrita. Ele redefine o período como um dos planos de organização da textualidade, em que as proposições, as frases estão ligadas umas às outras, seja pelo próprio sentido, seja por conjunções. Considera como período as estruturas rítmicas sem conectores, que podem aparecer com ritmo simples (na mesma posição sintática), ou composto (quando for necessário um retorno a uma posição anterior).

Refere-se também aos períodos organizados em torno de conectores, dispostos por uma ligação do significante por repetição lexical e sintática do sujeito e do verbo no pretérito perfeito. Revela, em seguida, que, há séries enumerativas de unidades morfologicamente idênticas de um ritmo simples e de um ritmo composto, nos enunciados que convida a verificar a coesão semântica e não somente morfossintática utilizada para variar os ritmos dos períodos. Assinala, igualmente, que a função instrucional da pontuação é impedir o fechamento dos três primeiros segmentos e colocá-los à espera do último, que tem um papel argumentativo decisivo.

O autor diz que a subcategorias de caracterização sequencial como descrição de pessoas, coisas, lugares, tempo, animais e plantas, ao mesmo tempo em que diz que a descrição é inerente a fala e é identificável nos níveis de enunciados mínimos. Assim, um procedimento descritivo é inseparável da expressão do ponto de vista do discurso e, no nível da composição, é necessário um plano de texto para que não haja uma anarquia textual, para isso, são necessárias as operações de tematização³, retematização⁴, subtematização⁵ e aspectualização⁶.

As operações de tematização, ressaltadas por Adam (2008), são aplicadas de três maneiras diferentes para a construção do sentido do texto. Trata-se, inicialmente, da pré-tematização ou ancoragem, que abre um período descritivo e anuncia um todo; já a pós-tematização (ou ancoragem diferida) nomeia o quadro da descrição no curso ou final da seqüência, dando-lhe uma unidade de sentido. A retematização, por sua vez, (ou reformulação), reenquadra todo o objeto, fechando o período descritivo, implica, por assim dizer, a existência de uma primeira nomeação do objeto do discurso e vem, portanto, interromper seu escopo. As operações de aspectualização agrupam a fragmentação – seleção de partes do objeto da descrição – e de qualificação, que evidencia propriedades de um todo ou das partes selecionadas pela operação de fragmentação textual.

As operações de relação agrupam mais duas operações: a de contigüidade – situação temporal ou espacial, ou ainda, contigüidade entre duas partes consideradas; e a de analogia – permite descrever o todo ou as partes colocando-as em relação com outros objetos-indivíduos. Sendo, assim, as operações de expansão por subtematização se produzem pelo acréscimo de qualquer operação a uma anterior.

Para o autor, toda narrativa pode ser considerada como a exposição de fatos reais ou imaginários, que abrangem duas realidades distintas: eventos e ações. A ação se caracteriza pela presença de um agente, que provoca ou busca evitar mudanças. O evento acontece sob o efeito de causas, sem intervenção intencional de um agente. Adam fala, ainda, de uma seqüência argumentativa e seus argumentos tomam a forma de encadeamentos argumentativos-provas, que correspondem aos suportes de uma lei de passagem ou a micro cadeias de argumentos ou movimentos argumentativos encaixados. A seqüência explicativa⁷, dessa forma, pode ocorrer em segmentos simples e admite transformação. Pode não ser

³ Dá unidade a um segmento e faz dele um período que aparece como uma espécie de seqüência.

⁴ Trata-se da reformulação do discurso.

⁵ Amplia a descrição inicial do discurso.

⁶ Diz respeito ao objeto da descrição.

⁷ Corresponde à explicação de um fato ou problema através da palavra.

assinalada imediatamente e surgir de uma releitura desencadeada por diversos conectores do tipo é/por isso, porque, por que, para isso, se, dentre outros. Consequentemente, o encaixamento de sequências explicativas e argumentativas⁸ parece mais flexível, sendo as condutas argumentativas e explicativas mais facilmente integradas na co-construção de um texto dialogal e, nos discursos escritos, os gêneros discursivos podem fixar o tipo dominante para a reconstrução da estrutura textual.

RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÕES: Análises preliminares mostram que há coincidência entre os segmentos do plano de texto e as unidades da estrutura frasal que formam as opiniões dos cursistas; além disso, observou-se que a atribuição de uma função textual entre os segmentos possibilita/facilita identificar o papel de cada parte na construção do ato discursivo escrito, especialmente o papel das relações situadas ao final dos textos em estudo. Ao observar o espaço da interação docente/discente onde ocorrem os fóruns de discussão, podemos dizer que os conceitos são significativamente apropriados para dar conta da articulação entre a análise dos discursos, a retórica e a teoria da argumentação, bem como, ao estudo dos conectores argumentativos (que podem estabelecer relações, justificando ou não uma sequência textual) (Figura 2) dos atos de discurso, da performatividade, das marcas pessoais nos discursos escritos através de narrativas e composições dos alunos de Língua Portuguesa. É o que podemos observar no quadro seguinte.

Figura 2 – **Conectores argumentativos**

TIPO	CONECTOR	FUNÇÃO	EXEMPLO
Causa	Porque, pois, posto que, já que, devido a, em vista de, etc.	Assinala o motivo ou razão o ocorrido.	Liguei tarde porque não acordei a tempo de lhe encontrar
Consequência	Logo, assim que, então, de maneira que, por isso, por essa razão, etc.	Anuncia o que segue.	Hoje haverá suspensão de energia, por isso, as luzes se apagarão.
Contraste ou oposição	Mas, porém, não obstante contudo, do contrário, etc.	Assinala relações de oposição.	Chegaram tarde, mas se empenharam no serviço.
Concessão	Mesmo que, apesar de que, mesmo quando, se bem que...	Não se trata de uma negociação absoluta, senão parcial.	Apesar da mudança de estação, ainda faz frio em Natal.
Adição	Mais ainda, assim mesmo, inclusive, também, não só...	Geralmente tem um uso parecido com a conjunção "e".	Tudo está muito tranquilo, inclusive à noite.
Equivalência	Em outras palavras, em outros termos, quer dizer, ou seja, vale salientar, em suma...	Anuncia-se o mesmo em termos mais simples ou técnicos.	Foram leais em tudo, quer dizer, são bons companheiros.
Evidência	Obviamente, naturalmente, sem dúvida, claro que...	Lembra-se de algo óbvio.	Todos participaram da festa, obviamente os mais velhos.
Ordem	Primeiramente, em primeiro lugar, depois, por último, finalmente...	Serve para enumerar uma sequência textual ou uma série de pontos.	Em primeiro lugar, se atenderá os idosos, depois, às crianças.
Sequência	Depois, em seguida, logo.	São usados para indicar uma sucessão de ideias.	Estude para o exame, depois você pensa na diversão.

Elaborado e adaptado por Marineide Furtado, Natal/RN, 29/08/2017.

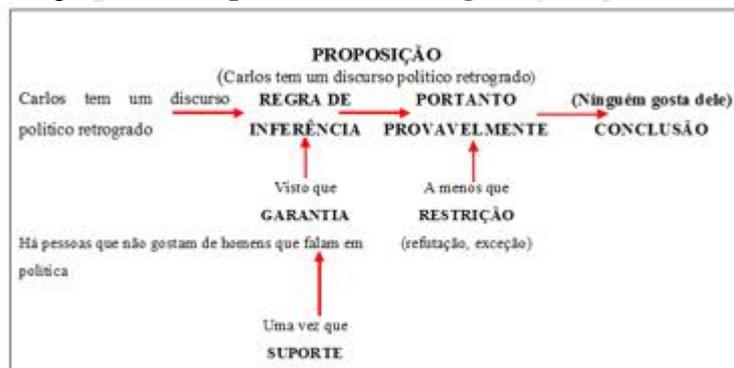
⁸ É constituída com base em “algo já dito” e consiste essencialmente, na contraposição de enunciados.

Considere-se, pois, que os conectores argumentativos do discurso também são utilizados na gestão do conhecimento nas salas virtuais, sendo um bom auxiliar na construção da aula interativa, quer se trate da elaboração de um texto, de uma síntese, ou de um comentário feito no fórum educacional.

O importante é saber que esses conectores são a base de uma boa escrita, contudo, é fundamental discernir em que momento usá-los, ou ainda, como utilizá-los. Por isso, não devemos esquecer o que pretendemos construir, pois a escolha dos conectores dependerá das suas funções, dentro do contexto escolhido, o que requer um esquema de base argumentativo, que estabelecerá uma relação entre uma série de dados e uma conclusão. Essa relação pode ter um apoio implícito ou explícito ou ser contrariada com refutação ou exceção. Se o dado é o elemento que aparece com maior frequência de maneira explícita, o suporte é ao menos implícito e os demais componentes se situam entre os polos de implicação e explicação.

O esquema de base argumentativa de um movimento na frase: “Carlos tem um discurso político retrogrado” (Figura 3) seria o seguinte, considerando as discussões interativas com os alunos no espaço virtual da EaD:

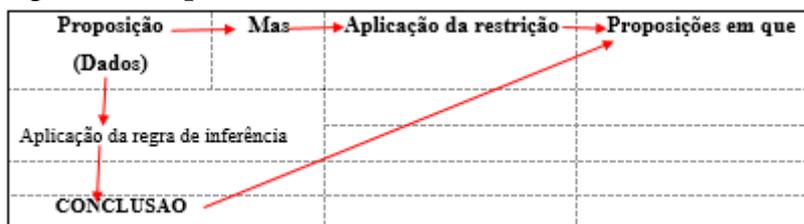
Figura 3 - O esquema de base argumentativa



Fonte: Adam (2008), modificado e adaptado pela pesquisadora (2017)

Os alunos acham muito útil levar em conta um único personagem provável na aplicação da regra de inferência que conduz tanto à conclusão quanto à restrição. No enunciado (1) se verifica, a introdução de um conector *que* na segunda proposição, permitindo precisamente destacar a inversão da conclusão esperada. É preciso ressaltar que o esquema concessivo tradicional (Figura 4) contradiz a regra de inferência:

Figura 4 – Esquema Concessivo tradicional



Fonte: Adam (2008), modificado pela pesquisadora (2017).

Esse esquema de base é formado de três macro proposições (Proposição dados (1), Proposições em que (2) e conclusão (3)), que apoiadas explicitamente umas sobre as outras, têm um caso particular de refutação. Por isso, retomando este esquema, verificamos que ele não apresenta uma ordem linear imutável, podendo numa nova tese ser refutada e retomada numa conclusão que pode se repetir ou estar subentendida no final da sequência para a construção de uma nova argumentação, considerando o potencial esclarecedor das atividades verbais que envolvem a explicação numa prática discursiva de grande valor em situação de interação com o uso de tecnologia numa sala de aula de EaD.

É preciso ressaltar que a EAD associa-se à interatividade para a apreensão de conhecimentos, envolvendo diversos componentes como aprendizagem, ensino, linguagem, comunicação, discurso, gerenciamento, além de toda a parte editorial para que tudo ocorra de forma organizada, a partir do desenho dos cursos, abandonando a noção do saber individual, perpetuando a noção de socialização do conhecimento, seja pela interação face a face ou por meios eletrônicos.

Para Dohmem (1967), Educação a distância é uma forma sistematicamente organizada de auto estudo onde o aluno se instrui a partir do material de estudo que lhe é apresentado, o acompanhamento e a supervisão do sucesso do estudante são levados a cabo por um grupo de professores. Isto é possível através da aplicação de meios de comunicação capazes de vencer longas distâncias. Ressalte-se, entretanto, que a Educação/ensino a distância, segundo Peters (2003) é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, tanto quanto pelo uso extensivo de meios de comunicação, especialmente para o propósito de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender.

Já Moore (2007) enfatiza que o Ensino a distância pode ser definido como a família de métodos instrucionais onde as ações dos professores são executadas a parte das ações dos

alunos, incluindo aquelas situações continuadas que podem ser feitas na presença dos estudantes. Porém, a interação entre professor e aluno deve ser facilitada por meios impressos, eletrônicos, mecânicos ou outros. Holmberg (1990) coloca, ainda, que o termo educação à distância esconde-se sob várias formas de estudo, nos vários níveis que não estão sob a contínua e imediata supervisão de tutores presentes com seus alunos nas salas de leitura ou no mesmo local. Sendo assim, a educação à distância se beneficia do planejamento, direção e instrução da organização do ensino.

Autores como Keegan (1995), resume os elementos centrais dos conceitos acima referidos dizendo que a separação física entre professor e aluno de EAD a distingue do ensino presencial; a influência da organização educacional (planejamento, sistematização, plano, organização dirigida etc), a diferencia da educação individual; a EAD utiliza de meios técnicos de comunicação para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos; há a previsão de uma comunicação de mão dupla, onde o estudante se beneficia de um diálogo e da interação com o tutor/professor, possibilitando encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização.

A EaD, no sentido fundamental da expressão, conforme Keegan (1991) é o ensino que ocorre quando o ensinante e o aprendente estão separados (no tempo ou no espaço). No sentido que a expressão assume hoje, enfatiza-se mais a distância no espaço e se propõe que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo), convergidas para o computador, hoje, a principal força propulsora da EAD. Dessa forma, Educação a Distância significa todas as formas de Educação em que o aprendiz normalmente se encontra em um local diferente daquele em que se acha a pessoa que ensina, devendo pressupor interatividade ou comunicação nos dois sentidos. Prever a possibilidade de encontros ocasionais dos aprendizes para fins didáticos e/ou de socialização. É organizado para um público específico, envolvendo um processo ensino/aprendizagem com interação professor/ aluno, podendo ser mobilizados multimeios para fins de comunicação.

Há um aspecto fundamental na EAD referido por Holmberg (1977) que é a comunicação mediada, entendida no seu duplo sentido: o primeiro refere-se à mediação conteúdo/aluno; o segundo é a relação entre professor e aluno para que se concretize a comunicação educacional. Conseqüentemente, o diálogo e a interação passam a ser compromissos filosóficos da EAD, já que a educação à distância deve ater-se a um processo de inter-aprendizagem dos seus protagonistas – professor/tutor/alunos e os alunos entre si -,

ensejando a circulação de saberes e o intercâmbio de experiências. (Strunchiner et al, 2002, p.8). É nesse sentido que Gadotti (2004), chega a esclarecer que o diálogo é “Uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas “situações-limites”, o educador-educando chega a uma visão totalizante do contexto”. (GADOTTI, 2004, p. 69).

Por isso, é necessário que o conhecimento seja partilhado, dialogado, na interação face a face ou via web, onde o trabalho docente se integra ao processo de ensino aprendizagem da Educação à distância, que conforme Mill, Oliveira e Ribeiro (2010) tem:

Muito da base de conhecimento para a docência presencial que é partilhada com um conjunto de outros educadores e técnicos, levando à constituição de outra configuração de docência. Ademais, na EaD essa base é necessariamente acrescida de conhecimentos peculiares a esta modalidade educacional. Nasce aí a polidocência, constituída por uma equipe de educadores e assessores que – juntos, porém não na mesma proporção – mobilizam os saberes de um professor: os conhecimentos específicos da disciplina; os saberes didático-pedagógicos do exercício docente, tanto para organizar os conhecimentos da disciplina nos materiais didáticos quanto para acompanhar os estudantes. (MILL, OLIVEIRA e RIBEIRO, 2010, p. 16).

Contudo, Behar (2009), vem a dizer que a interação não garante uma relação de ensino e aprendizagem plena, por isso a questão pedagógica não pode ser esquecida nessa modalidade de ensino. Pois, conforme Mizukami (2004) o professor tem diferentes conhecimentos para exercer sua ação docente, e isso está relacionado ao conhecimento de conteúdo específico da sua área, bem como, ao pedagógico. Conseqüentemente,

A base de conhecimento para o ensino consiste de um corpo de compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessárias para que o professor possa propiciar processos de ensinar e aprender, em diferentes áreas do conhecimento, níveis, contextos e modalidades de ensino. Essa base envolve conhecimentos de diferentes naturezas, todas necessárias e indispensáveis para a atuação profissional. [...]. Implica construção contínua, já que muito ainda está para ser descoberto, inventado, criado. (MIZUKAMI, 2004, p. 4).

Corroborando com a discussão de Adam (2008), é possível dizer que a Educação a distância é um fato real que provoca mudanças para democratizar e elevar o padrão de qualidade da educação brasileira na gestão do conhecimento, segundo Behar e colaboradores (2009), o atual momento da Educação a distância no Brasil é de transformação e rompe com a ideia de uma sociedade centrada no trabalho para a valorização da educação.

Neste sentido, verifica-se uma passagem da sociedade industrial, que privilegia a cultura do ensino, para uma sociedade em rede, que dá ênfase à cultura da aprendizagem, convergindo para a construção de um novo modelo educativo com elementos que se

transformaram e continuam se transformando durante este período em que entram em cena as tecnologias da comunicação e informação (TIC), dando origem a uma sociedade em rede. Sobre essa vertente Almeida (2009), alerta que “A tecnologia é um elemento da cultura necessária a humanização. É uma forma de escrever, ler, interpretar, intervir e transformar o mundo. E como instrumento de escrita desse mundo demanda: alfabetização com tecnologias e alfabetização para as tecnologias”. (ALMEIDA, 2009, p. 37).

Uma vez que, na sociedade em rede, o aprender é caracterizado por uma apropriação de conhecimento que se dá numa realidade concreta. Parte-se da situação real vivida pelo educando, que é apoiado pela presença mediadora e gestora do professor comprometido com seus alunos e com a construção de conhecimento, procurando responder ao princípio da aprendizagem significativa.

CONCLUSÕES: O papel das TIC é contribuir para diminuir a distância pedagógica entre professores, alunos e tutores, assegurando formas de comunicação e interação entre os atores envolvidos no processo de construção de conhecimento pela EAD, num novo fazer pedagógico, tendo como foco principal a aprendizagem, que se encontra em contínua construção, quando se utiliza esquema de base argumentativa para explicar um fato ou construir textos na sala virtual. O conhecimento aqui é concebido como resultado da ação do sujeito sobre a realidade, estando o aluno na posição de protagonista no processo de aprendizagem construída de forma cooperativa, numa relação comunicativa renovada e reflexiva com os demais sujeitos, numa prática pedagógica que considera o processo e as ações mais significativas que o produto deles resultantes.

Dessa forma, o conhecimento construído pela educação a distância, independente de tempo e espaço, entra em cena para tentar auxiliar a resolver alguns dos problemas da educação brasileira dentro de um paradigma de interação entre professores, alunos, tutores e seus modelos pedagógicos para a utilização de regras numa aula de Língua Portuguesa, sendo portanto definida como uma forma de aprendizagem organizada que se caracteriza pela separação física entre professor e alunos e a existência de algum tipo de tecnologia de mediação para estabelecer a interação entre eles para uma mudança de paradigma comunicativo. O conceito de paradigma funciona aqui como um sistema de referências em que as teorias são testadas, avaliadas e, se necessário, revistas; é, ainda, a representação do padrão de modelos a serem seguidos; dentro de um conhecimento que origina o estudo de um campo científico para uma mudança de ver, sentir, viver dentro de um novo referencial na

reconstrução de novas teorias e reinterpretação de determinados experimentos para o ensino da Língua Portuguesa à distância.

Partindo de um paradigma interacionista, o sujeito passa a ser construtor do seu próprio conhecimento; no qual, a aprendizagem se torna uma ação em construção para a tomada de consciência da coordenação dessas ações a serem desenvolvidas em sala de aula virtual pelo professor. Na visão instrucionista, o sujeito é considerado uma tábua rasa, de modo que todo o conhecimento vem do exterior, e é o objeto quem define o sujeito. Nesta perspectiva, o conhecimento nunca se constrói, mas é transmitido ou transferido ao sujeito. No paradigma humanista, o sujeito já nasce com um saber e à medida que vai crescendo precisa trazê-lo à consciência e organizá-lo. Assim, o que caracteriza a EAD é que ela é constituída por um conjunto de sistemas que partem do princípio de que os alunos estão separados do professor em termos espaciais e/ou temporais, sendo tempo e espaço, elementos fundamentais em qualquer espaço de intervenção pedagógica com o uso adequado das novas tecnologias, que admitem diferentes combinações de discursos para a construção e gestão de novos conhecimentos em Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. Plano de texto. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.
- ALMEIDA, M. E.; MORAN, J. M. (Orgs.) Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/SEED, 2009.
- BEHAR, P. A. et al. Modelos pedagógicos em Educação a distância. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DOHMEN, G. (1967) apud NUNES, Ivônio de Barros. Noções de Educação a Distância. 1994. Disponível em <http://woodstock.unicamp.br/nourau/ead/document/?view=3> Acesso em 28/05/2017.
- GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HOLMBERG, B. Educación a distância: situación y perspectivas. Buenos Aires: Editorial Kapeluz, 1977.

- KEEGAN, D. Distance education technology for the new millennium compressed video technology. In: ZIFF Papiere 101, ERIC DOCUMENT Reproduction Service ED, 1995.
- LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MILL, D. et al. Múltiplos enfoques sobre a polidocência na Educação a Distância virtual. In: Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques. São Paulo: EdUFSCar, 2010.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. Educação, Santa Maria: v.29, n.2, p.33-49, Jul./dez. 2004.
- MOORE, Michael e KEARSLEY, Greg. Educação a distância. Uma visão integrada. Tradução: Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- PASSEGGI, Luís Álvaro Sgadari. (trad). Períodos e seqüência: unidades composicionais. In: ADAM, Jean-Michel. A lingüística textual, Introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- PETERS, O. A educação à distância em transição: tendências e desafios. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- REZENDE, D. A. Sistema de conhecimento e as relações com a gestão do conhecimento e com a inteligência organizacional nas empresas privadas e nas organizações públicas. In: TARAPANOFF, K. (Org.). Inteligência, informação e conhecimento. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.
- STRUCHINER, Miriam; ROSCHKE, Maria A.; RICIADI, Regina M. V. Formação permanente, flexível e a distância pela Internet: Curso de Gestão Descentralizada de Recursos Humanos em Saúde. *Revista Panamericana de Salud Publica*, Washington, v. 11, n. 3, 2002.
- VIEIRA, A. T et al. Gestão escolar e tecnologias. São Paulo: Avercamp, 2007.